

RENDEIRAS DA LAGOA DA CONCEIÇÃO EM FLORIANÓPOLIS: ARTESANATO, TRADIÇÕES E FUNÇÕES

Elis Regina Barbosa Angelo - UNIVERSIDADE DE SANTO AMARO

O trabalho feminino na Lagoa da Conceição anteriormente marcado pelas tarefas ligadas à administração do lar e dos filhos, muitas vezes exercendo trabalhos externos foi assumindo características diferentes ao longo dos anos.

Grande número de mulheres da Lagoa desenvolvem atualmente algum tipo de trabalho externo. Os cuidados com a casa e a família continuam sendo a principal tarefa de grande parte das mulheres. A independência feminina no que se refere à questão financeira parece acompanhar uma dinâmica cultural no local.

A pesquisa com as rendeiras revela o grande número de mulheres que se destacam como provedoras da família. As manifestações advindas do trabalho feminino estão cada vez mais ganhando espaço e algumas rendeiras que exerceram por anos o trabalho domiciliar que era geralmente elaborado sob encomenda de pessoas e empresas, parece estar mudando em relação às novas perspectivas da atividade turística.

Trabalho domiciliar deve ser entendido como aquele realizado na habitação do trabalhador, por encomenda da empresa ou de seus intermediários, envolvendo geralmente a realização de uma tarefa parcial do processo produtivo, último elo da cadeia produtiva, cujo pagamento era feito geralmente por peça¹.

As rendas eram considerados "finos" trabalhos utilizadas com a finalidade ornamental em igrejas, normalmente em toalhas de mesas e outras finalidades que coubesse algum tipo de adorno. Em Portugal, a arte da renda era praticada nos conventos e sua utilidade era exclusivamente a ornamentação de igrejas e de vestes eclesiásticas.

As rendas de bilros tradicionais portuguesas constituem a indústria caseira das mulheres das classes pobres, geralmente da orla marítima. Em todas as povoações de pescadores fabricam-se rendas de onde o aforisma: "onde há rês, há rendas". Essa arte é transmitida de geração em geração, entre as mulheres das classes pobres, embora tenha havido frases em que as moças da alta sociedade aprenderam a fazer rendas de bilros nos conventos².

No Brasil a mesma utilidade foi verificada por meio das entrevistas com as rendeiras. A princípio a renda era elaborada para a igreja como ornamento. Após um longo tempo, passou a ser um trabalho elaborado em ambiente familiar para uso doméstico ou pessoal.

¹ Matos, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e Cultura: História, Cidade e Trabalho*. Bauru, SP: EDUSC, 2002.p.91

² Ramos, Luíza e Arthur. *As rendas de bilro e sua aculturação no Brasil*. Rio de Janeiro: Publicações da Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia, 1948.p. 31.

A adaptação efetuada após o crescimento do turismo alterou o trabalho domiciliar com a profissionalização das mulheres e as rendas, foram aos poucos desmistificando seu uso tipicamente ornamental. Neste momento, cabe a discussão sobre a renda de bilros ser denominada como artesanato e/ou arte popular. Quando as rendas eram utilizadas apenas como ornamento, a sua denominação era "arte popular", quando assumiu novas formas de adaptação e passou a exercer a função utilitária, sua denominação passou a ser considerada "artesanato".

Pode-se dizer que, essa alteração na utilidade do produto iniciou o processo de alternativa profissional para a mulher, iniciando a mudança no quadro estrutural sócio-econômico e sócio-cultural da comunidade. Com a expansão da atividade turística, parece ter havido uma sensível mudança no quadro sócio-econômico das mulheres da ilha, e, a própria expansão urbano-industrial acarretou o surgimento de novas ocupações como alternativas de emprego.

A questão da mudança no conceito de trabalho domiciliar e a inserção da mulher na organização do emprego alternativo pode ser assim definida:

A própria expansão urbano-industrial implicou o surgimento de novas ocupações que, apesar de criadas diretamente pelo desenvolvimento capitalista e a ele integradas se constituíram em setores não formalizados. Essas instâncias de organização da produção configuram-se como alternativas de emprego particularmente importantes para as mulheres de setores populares, por permitirem a combinação com o trabalho remunerado³.

Embora seja conhecida como tradição feminina, a renda de bilros acabou sendo elaborada com a função de um complemento financeiro familiar. As mudanças ocorridas nas cidades e o novo papel feminino na sociedade, onde a mulher administra a casa, os filhos e constrói um profissão, acabou dinamizando o conceito de trabalho feminino.

Sobre o papel secundário que a confecção de renda exercia na Lagoa, algumas colocações podem ser utilizadas:

Uma questão social e cultural - a mulher como dona de casa, como "rainha do lar" - é, desse modo, naturalizada, cristalizada, ocultando-se o importante papel exercido pela atividade de confecção da renda de bilro na produção de valores necessários à reprodução da família. Esse ocultamento era quebrado em decorrência da dificuldade ou da impossibilidade enfrentada pelo provedor em obter o sustento da família: assim, a produção e a comercialização da renda deixava, em muitos casos, de ser uma atividade principal, responsável pelo sustento da família.⁴

Em muitos casos, a confecção de rendas deixou de ser exercida como complemento aos rendimentos dos provedores e passou a ser responsabilidade para a manutenção de muitas famílias.

³ Matos, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e Cultura: História, Cidade e Trabalho*. Bauru, SP: EDUSC, 2002.p.91

Também deixou de ser em alguns casos secundária para exercer o papel de principal atividade de sustento. Com as mudanças e permanências ocorridas na situação de ensinar as filhas ao ofício de fazer rendas, alguns detalhes da condição feminina estão se alterando pela própria dinâmica cultural. Tal processo pode ser percebido como:

Aprender a fazer renda de bilro constituía-se, pois, como importante fator de desenvolvimento da mulher ou, mais especificamente, da condição feminina. Após a escola ou as lidas da casa, as mulheres sentavam-se junto às suas almofadas e, coletivamente, ensinavam as mais novas a arte de trocar os bilros e tecer a renda. Nessa prática, ao mesmo tempo em que se mantinha uma tradição cultural, reproduzia-se a estrutura familiar de então, com seus papéis sociais característicos.⁵

A questão aqui pontuada refere-se à estrutura familiar anterior às novas gerações. Atualmente, com as mudanças sócio-econômicas e culturais visualizadas em quase todo país e na maioria dos países do mundo, o papel da mulher está se transformando.⁶

Das rendeiras entrevistadas, a maioria diz ser a renda mensal, um auxílio aos rendimentos mensais da família. Porém, o montante recebido na alta e baixa temporadas turísticas parece ser um valor significativo em relação à aposentadoria dos maridos.

Aprender a bordar, tricotar e ter habilidades fundamentalmente feminino-domésticas, abriu espaço para um novo modelo educacional, o culto à profissão. Nas novas necessidades para a formação do indivíduo no contexto atual ainda cabe a formação de habilidades domésticas.

A diferença observada em cidades ou localidades menores em relação aos grandes centros parece ser um dos contextos de formação em habilidades domésticas tradicionais.

A questão econômica das famílias calcada nas necessidades financeiras acaba exercendo influência neste tipo de tradição. A função cultural exercida sobre o conceito do produto também parece exercer forte influência na opção de perpetuar certas tradições.

Quanto à igualdade entre os sexos no que tange ao trabalho, pode-se dizer que as mulheres de um modo geral, estão conquistando cada vez mais lugares de destaque no mercado de trabalho em geral, porém:

É possível afirmar, portanto, que, no âmbito da oferta de trabalhadoras, há significativas mudanças. Restam, no entanto, algumas continuidades que dificultam a dedicação das mulheres ao trabalho ou fazem dela uma trabalhadora de segunda categoria, que está sempre em desvantagem no mercado de trabalho.⁷

⁴ Zanella, Andréa Vieira. *O Ensinar e o Aprender a Fazer Renda de Bilro. Estudo sobre a apropriação da atividade na perspectiva histórico-cultural*. São Paulo: PUC, 1997. p.47.

⁵Id. Ibid. p.56.

⁶ Samara, Eni de Mesquita.(org.)*Trabalho Feminino e Cidadania*. São Paulo: FFLCH/USP,1999. In Bruschini, Cristina. *Mudanças e Persistências no Trabalho Feminino (Brasil, 1985 a 1995)*. p.29-55.

⁷ Megale, Nilza B. *Folclore Brasileiro*. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.p.35.

Estas mudanças ainda apresentam grandes divergências sobre a igualdade dos sexos no trabalho, principalmente quanto os direitos e deveres femininos.

As universidades mantém número igual ou superior de mulheres em relação aos homens. Algumas profissões tem maior ou menor número de mulheres. A "igualdade" cresce cada vez mais e, o papel da mulher muitas vezes é o mesmo exercido pelo homem em muitas áreas do conhecimento e também na vida cotidiana.

Apesar das transformações nas atividades exercidas pelas novas gerações, é importante mostrar a função das rendas no processo de crescimento turístico como atrativo artístico-artesanal de relevante importância cultural para a comunidade lagoense.

Além de sua função econômica e cultural, a renda de bilros passou a exercer a função de atrativo turístico. Sendo considerada como arte popular e também artesanato, essa manifestação da cultura material exerce influência na construção do patrimônio cultural desta comunidade.

Arte popular é aquela cujo produto só tem a função decorativa ou ornamental, provocando ao ser observada, uma sensação estética. Artesanato é essencialmente utilitário, mas com alguma decoração, possuindo duas funções : a estética e a utilitária.⁸

Nesse caso, considera-se a renda de bilros como arte popular, tendo ela apenas a função de ornamento. Mas, o que se percebe com as rendas de bilro é que sua função está além de ornamento, depende apenas do tipo e forma de renda.

Uma colcha de renda de bilros possui a função utilitária - cobrir a cama e ser usada como lençol/cobertor - e também a função ornamental - causar uma sensação estética ao ser observada. Uma blusa de renda possui da mesma forma a função estética e utilitária. Já um caminho de mesa, pode possuir apenas a função ornamental.

Dessa forma, o conceito a ser utilizado sobre a função das rendas, depende do tipo e forma apresentados e não deve recorrer a uma nomenclatura exata.

As antigas rendas de bilro portuguesas⁹ possuíam a função ornamental, porém, com as mudanças oriundas das necessidades humanas, o papel e a utilidade também está se adequando ao tempo e espaço, tanto no Brasil como em outras partes do mundo.

As novas formas, cores, estilos e a utilidade da renda passou a exercer funções diferentes, seja na utilidade doméstica, seja no uso pessoal. A aplicação de rendas em roupas e mesmo a confecção de roupas de renda são consideradas no mundo da moda, artigo de luxo.

⁸ Megale, Nilza. Id. Ibid. p.120.

⁹ "A arte da renda por muito tempo em Portugal só foi praticada nos conventos, e sua utilidade praticamente única era a ornamentação de igrejas e vestes eclesiásticas." Ramos, Luísa. Ramos, Arthur. *A renda de bilros e sua aculturação no Brasil*. Publicações da Sociedade de Antropologia e Etnologia: RJ,1948, p. 29.

Os usos e costumes para se utilizar a renda mudou e se adaptou às necessidades atuais, porém, muitas rendeiras da Lagoa da Conceição não se adaptaram a essas novas características do produto. As rendeiras mais jovens querem criar artigos diferenciados, adaptados à moda tanto de artigos pessoais quanto domésticos. As rendeiras mais velhas não estão preocupadas em adaptar ou aprender novas utilidades para fazer suas rendas. Estão condicionadas às velhas maneiras, pontos e estilos e não pretendem adaptar-se às tendências da moda.

Das sete rendeiras entrevistadas, apenas uma procura elaborar trabalhos diferenciados com as rendas, adaptando-as às necessidades e gostos atuais. Considerando a tradição de fazer rendas, pode-se dizer que a maioria das rendeiras aprenderam a tecer objetos específicos como toalhas de vários tipos e tamanhos. Algumas delas conseguem adaptar as rendas a novos artigos, tornando-os aos olhos dos interessados, de grande interesse.

A renda de bilros apresenta-se na Lagoa como "tradição", dessa forma, a maioria das rendeiras elabora o trabalho artesanal voltado para as antigas formas e motivos. A adaptação das rendas a artigos modernos parece ser uma proposta para a perpetuação do trabalho e também uma redefinição das funções da renda.

Neste contexto, a renda deixaria de ser (em alguns casos) apenas ornamental e passaria a ser utilitária. Alguns exemplos de adaptação de rendas a artigos diversos: velas, cinzeiros, roupas como jeans, vestidos, barras de saia, sacolas, bolsas, blusas, camisetas, sandálias, sapatos , entre muitos outros. Uma questão delicada nesta observação deve ser considerada , à qual a renda de bilros poderia se descaracterizar com a aplicação em artigos diferentes, e esse parece ser um questionamento relevante na questão da continuidade do trabalho artesanal.

A confecção da renda de bilros mesmo se adaptando aos artigos citados é elaborada da mesma forma, utilizando os mesmos instrumentos e equipamentos. O que parece interferir na descaracterização do produto é a cópia, ou seja, a industrialização de rendas, quando o trabalho artístico-artesanal perde suas singularidades e peculiaridades e passa a ser mais um artigo copiado, como " arte de aeroporto".

Descaracterização do artesanato - A produção de artesanato, voltada unicamente para o consumo dos turistas- como souvenir- descaracteriza a sua função original, utilitária, dos objetos para transformá-los em itens de decoração. É a chamada "arte de aeroporto"¹⁰.

Esta descaracterização não parece ter se desenvolvido na Lagoa da Conceição, pelo menos no que diz respeito à confecção de rendas de bilro. Os turistas procuram as rendas, muitas vezes pela quantidade de pontos de venda visualizados no local.

¹⁰ Ruschmann, Dóris. *Turismo e Planejamento Sustentável*. Campinas, SP: Papirus, 1997. P.53.

Segundo as rendeiras, os turistas muitas vezes desconhecem o trabalho artesanal das rendas de bilros. Muitos passam pelo local e resolvem parar para ver o que é comercializado nas lojas da avenida das rendeiras. Sabem muitas vezes apenas que ali existe rendas.

O conhecimento do produto, ou seja, como é elaborado, os instrumentos e utensílios empregados e a questão da renda fazer parte de um universo cultural dos descendentes de açorianos muitas vezes é desconhecido.

As rendeiras referem que muitos dos turistas nem acreditam que são elas que fazem as rendas utilizando este tipo de aparato. Porém, quando elas demonstram o trabalho, muitos ficam deslumbrados com a técnica, pois nunca viram este tipo de artesanato.

Quando deparam com o nome da avenida, o monumento à rendeira na praça e o número de lojas que comercializam rendas é que percebem a importância que as rendas e rendeiras têm na localidade. Considerando a Avenida das Rendeiras um local característico da Lagoa, exatamente pela confecção e comercialização de rendas, tornou-se um dos pontos turísticos do local.

Com o intuito de homenagear as rendeiras da Lagoa, foi nomeada uma avenida com o nome "Avenida das Rendeiras" à qual hoje é considerada a maior concentração de vendas de rendas de bilros da Lagoa. Outra homenagem às rendeiras foi sem dúvida o monumento erguido à Rendeira, inaugurado no dia 12 de dezembro de 1998 na Praça Bento Silvério, do escultor Paulo Cesar Santos, pela Prefeitura Municipal de Florianópolis e pela Fundação Franklin Cascaes.

O monumento surge como um ícone da atividade feminina exercida por gerações de rendeiras como uma das mais importantes tradições açorianas. A questão da memória e da história constituídas pela cultura inserida no local desde a colonização açoriana, permeiam as homenagens feitas até o momento. No entanto, as rendeiras entrevistadas se sentem abandonadas pelo poder público local.

Elas não se sentem amparadas ou beneficiadas de nenhuma maneira pela Prefeitura de Florianópolis. Falam sobre os impostos, sobre a falta de estrutura para a receptividade do turista quanto à localização das lojas. Referem não haver local apropriado para que os turistas possam parar seus veículos para apreciar os produtos em suas lojas e não acreditam na preocupação do poder local com relação à preservação e conservação das rendas.

Ainda sobre a funcionalidade do produto, no que tange à função sócio-cultural, a renda de bilros se estabelece como um dos elementos de maior destaque por ser considerada um elemento da ergologia (cultura material). Neste contexto se insere o valor simbólico do objeto como integrante do legado cultural. Pode-se dizer que a renda tem uma função cultural para a comunidade juntamente com outros materiais artesanais e também os aspectos antropológicos, que referem-se aos bens intangíveis da cultura como hábitos, significados, normas, crenças e conhecimentos, fazendo parte da cultura imaterial.

Os descendentes de açorianos conservaram os aspectos da sua cultura material e imaterial, que passou a ter uma outra função além de fazer parte do legado cultural. A questão da apropriação da atividade turística por bens de consumo tangíveis e intangíveis da cultura açoriana, proporcionaram um meio de subsistência calcado nestes elementos.

A transformação destes bens em produto do turismo pode ser algo positivo e também negativo para esta comunidade. A questão da descaracterização do artesanato e das manifestações folclóricas pode se tornar alarmante em algumas localidades.

O que se percebe na Lagoa da Conceição é que os objetos não sofreram nenhuma descaracterização grave até o momento. Alguns "souvenirs" são feitos especificamente aos turistas, porém as rendas de bilros, a olaria, as manifestações culturais e demais festas e folguedos característicos, mantiveram sua essência, como é o caso da dança de fita, boi de mamão, farra do boi entre outras.

Sobre a problemática da vulgarização das manifestações tradicionais tem-se :

As ações mercadológicas do turismo geralmente apresentam aos turistas dos países desenvolvidos cenas e manifestações culturais dos países em desenvolvimento de forma inexata e romantizada, contribuindo para a criação de uma imagem simplista, contribuindo para a criação de uma imagem simplista e estereotipada. A fim de atender a essas expectativas, as cerimônias tradicionais, os festivais e os costumes são apresentados como show especialmente preparado para atender à curiosidade e ao interesse dos visitantes¹¹.

Dessa vulgarização das tradições, o que se pode afirmar é que na Lagoa da Conceição, as manifestações não sofreram a transformação em produto turístico, pois, ocorrem exatamente em épocas específicas do ano e neste momento é assistido pela comunidade e pelos turistas que estiverem no local no momento das apresentações. Não é um "show" copiado e montado para o turista.

Cabe ser discutida a relação da vulgarização do artesanato, que de nenhuma forma foi descaracterizado tomando uma forma diferente de sua utilidade primária. A readaptação dos tipos de renda de bilros à atualidade não estão transformando o produto em matéria específica ao turista.

As rendas de bilros podem ser adaptadas sem ofender suas singularidades, já que a renda se adaptou desde suas origens e passou de artigo ornamental utilizado nas igrejas como ornamento de vestes eclesiásticas, para o uso doméstico. A readaptação da utilidade do produto apenas perpassa a sua utilização e a nova configuração de produto artesanal doméstico para produto artesanal turístico também.

¹¹ Ruschamann, Doris. *Turismo e Desenvolvimento Sustentável*. Campinas, SP: Papirus, 1997.p.53.

Referências Bibliográficas

- MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e Cultura: História, Cidade e Trabalho*. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- MEGALE, Nilza B. *Folclore Brasileiro*. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- RAMOS, Luíza e Arthur. *As Rendas de Bilro e sua Aculturação no Brasil*. Rio de Janeiro: publicações da Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia, 1948.
- RUSCHMANN, Dóris. *Turismo e Planejamento Sustentável*. Campinas, SP: Papirus, 1997.
- SAMARA, Eni de Mesquita. (org.) *Trabalho Feminino e Cidadania*. São Paulo: FFLCH/USP, 1999.
- ZANELLA, Andréa Vieira. *O Ensinar e o Aprender a Fazer Renda de Bilro: Estudo sobre a Apropriação da Atividade na Perspectiva Histórico-Cultural*. São Paulo: PUC, 1997 (Tese de Doutorado).